



## INJUSTIÇAS HISTÓRICAS NA VIDA CONSAGRADA DE MULHERES CATÓLICAS\*

Joyce Aparecida Pires\*\*

*“A vida religiosa recorda-me tudo aquilo que vivi. Gostaria de voltar para outro mosteiro, mas, dentro de mim, sinto como que uma prisão”.<sup>1</sup>*

A vida consagrada católica e suas regras é, preponderantemente, experienciada pelas mulheres e historicamente institucionalizada pelos homens. Na contemporaneidade, ocorre a redução das congregações religiosas femininas, candidaturas à vida religiosa e da hegemonia cultural do catolicismo que impacta na redução do número de vocacionadas no Brasil<sup>2</sup>.

A Igreja Católica é caracterizada pelo chamado “corpo de cristo”, um corpo vivo na história, mas onde apenas os homens detêm o poder de decisão e realização dos sacramentos. Essa hierarquia masculina difunde uma concepção de suposta “natureza feminina” para as mulheres, aquela que está sempre disposta a agir com doação para as outras pessoas, mas essa ideia contrapõe o anseio das próprias mulheres de se tornarem autônomas na contemporaneidade<sup>3</sup>.

A prática claustral<sup>4</sup> da vida religiosa estava totalmente estabelecida no período

\* Resenha da obra: CERNUZIO, Salvatore. *O véu do silêncio*. Abusos, violências, frustrações na vida religiosa feminina. Petrópolis: Vozes, 2023.

\*\* Doutora em Ciências Sociais pela UNESP, campus de Marília. Professora de Ensino Fundamental no município de Cândido Mota-SP. Pesquisadora vinculada ao grupo Cultura e Gênero – Laboratório Interdisciplinar de Estudos de Gênero, LIEG (UNESP/CNPq). E-mail: cravinajoyce@gmail.com

<sup>1</sup> CERNUZIO, 2023, p. 112.

<sup>2</sup> STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo. O Catolicismo e a igreja católica no Brasil à luz dos dados sobre religião no censo de 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 223-243, jul./dez. 2013. p. 237.

<sup>3</sup> ROSADO-NUNES, Maria José Fontelas. A “ideologia de gênero” na discussão do PNE. A intervenção da hierarquia católica. *HORIZONTE*, v. 13, n. 39, p. 1237-1260, 30 set. 2015. p. 1257.

<sup>4</sup> Modelo ainda vigente de vida religiosa consagrada feminina (vida contemplativa), sem contato direto com o público. Após o Concílio Vaticano II (1962-1965), as instituições conventuais tradicionais de vida-ativa foram reconhecidas como institutos religiosos.



central da Idade Média<sup>5</sup>. O advento da Idade Moderna sucedeu no enclausuramento de mulheres empobrecidas e sem ocupação, além da criação de novas instituições seculares direcionadas ao feminino, com o objetivo de proteger a chamada honra das mulheres e controle da sexualidade<sup>6</sup>. Os institutos religiosos, em geral, sobretudo para mulheres, ainda conservam a difusão de uma mentalidade feudal, passível de ser compreendida como uma forma piramidal patriarcal e com sua hierarquia estratificada.

Estamos considerando que a chamada nova era trazida pelo Concílio Vaticano II não significou uma plena transformação da vida religiosa feminina, de outro modo, alcançou significativas metamorfoses nas instituições e nos grupos. A obra o “Véu do silêncio: abusos, violências, frustrações na vida religiosa”<sup>7</sup>, escrita pelo jornalista italiano e vaticanista Salvatore Cernuzio, revela essas mudanças no sentido das frustrações de um modo de vida conventual ainda com fortes traços medievais.

Em o “O véu do silêncio”, Cernuzio desnuda um mundo de relações de violência de gênero, sexual e de poder, e elege alternativas provindas do diálogo com a teologia cristã para a sua prevenção. Willian Cesar Castilho Pereira, autor da apresentação à edição brasileira acredita que no Brasil a sociedade, Igreja Católica e os grupos inseridos na vida religiosa carregam o que ele chama de hipoteca social<sup>8</sup>, abuso de poder e racismo, e ainda, chama a atenção para o limite entre a fragilidade humana e o ideal de santidade que marcam o debate central da obra.

Na visão da autora do prefácio à edição brasileira, o livro apresenta caminhos para os possíveis ajustes das condutas na vida religiosa. “O processo, portanto, é o de humanização da lei como garantia da vida em abundância.”, diante da lógica de gratuidade da doação e não apenas pelo critério da utilidade e da reciprocidade, no trabalho ou na lida com crianças e anciãos, explica Bárbara P. Bucker, MC<sup>9</sup>.

No prefácio à edição italiana, Nathalie Becquart, subsecretária da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, destaca a empatia do autor na escuta das religiosas, no “lado escuro” das suas vozes de sofrimentos, caladas com frequência na história da

<sup>5</sup> ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750/1822*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993., p. 39.

<sup>6</sup> ALGRANTI, 1993, p. 45.

<sup>7</sup> CERNUZIO, 2023.

<sup>8</sup> CERNUZIO, 2023, p. 13,19.

<sup>9</sup> CERNUZIO, 2023, p. 40.



Igreja<sup>10</sup>. O pior acontece “[...] quando os votos religiosos são interpretados e vividos de maneira a infantilizar, oprimir ou, até manipular e destruir as pessoas.”<sup>11</sup>. Assim como Becquart, consideramos que a presente obra destaca um chamado para uma avaliação do peso de uma cultura clerical histórica patriarcal na vida das mulheres. E, assumir a prática da sinodalidade para uma Igreja mais participativa a todas as pessoas pode ser uma opção de tendência mais justa e democrática<sup>12</sup>.

Na introdução, Padre Giovanni Cucci, SJ afirma que o “clima” de medo é o maior obstáculo para a reforma no interior da vida religiosa e que para além dos abusos sofridos pelas mulheres nestas instituições, a falta de escuta atenta pode ser causadora de mais sofrimento<sup>13</sup>. Cucci nota a mentalidade presente nos conventos análoga ao clericalismo, o qual provoca uma tendência de permanência das superiores por mais tempo em posições de poder. Isso desemboca em imposições de poder e manipulação que impedem a vivência da horizontalidade das relações, fazendo “[...] passar como vontade de Deus e marginalizando e culpabilizando quem quer pensar diferente.”<sup>14</sup>.

Não é possível aqui continuar sem mais uma vez voltarmos ao Concílio Vaticano II e darmos ênfase à configuração de mudanças na vida religiosa presente naquele período. Vozes eclodiram denunciando assédio sexual e distúrbio por vaidade independente de gênero, além de relações afetivas e sexuais o que contraria a ideia de vida consagrada e votos de castidade realizados pelas pessoas religiosas das congregações<sup>15</sup>. O Concílio Vaticano II trouxe um novo olhar sobre a religiosidade que antes demarcava a espiritualidade medieval, com seu tom negativo em relação aos valores humanos e a superioridade intelectual como um marcador dentro das instituições.

Contudo, a manutenção de tendências autoritárias nos grupos religiosos institucionalizados, onde pessoas permanecem nos cargos de maior poder por décadas é outro tema sinalizado nos testemunhos das religiosas. Ao todo, a obra reúne testemunhos de onze religiosas de diferentes origens (ativas ou desvinculadas) e destaca suas trajetórias na vida religiosa feminina consagrada. O livro não está

---

<sup>10</sup> CERNUZIO, 2023, p. 57.

<sup>11</sup> CERNUZIO, 2023, p. 54.

<sup>12</sup> CERNUZIO, 2023, p. 56.

<sup>13</sup> CERNUZIO, 2023, p. 76.

<sup>14</sup> CERNUZIO, 2023, p. 68.

<sup>15</sup> CERNUZIO, 2023, p. 15-16.



tradicionalmente dividido em capítulos, ao invés disso, o autor propôs a organização da obra a partir do nome de cada religiosa, esta opção ofereceu maior destaque aos testemunhos e suas particularidades. O ponto de convergência dessas vidas dedicadas a experiência com o sagrado são os desabafos e os sofrimentos provenientes de um modo de vida conventual que lhes trouxeram frustrações e traumas psicológicos. Algumas mulheres afirmam ainda não saber como resistir a esse sofrimento.

Gritos direcionados a algumas religiosas, dentre elas, do chamado Terceiro Mundo, é destaque de denúncia de violências: “Estúpida! Onde tens a cabeça? Presta um pouco de atenção!”;<sup>16</sup> “Eu não quero te ouvir, vens sempre para te queixar, queres ser santa ou não?”<sup>17</sup>. Essas religiosas não encontram possibilidade de escuta entre as italianas e dessa maneira, o peso da hierarquia conventual ainda impera na vida dessas mulheres.

O crivo de classe social, segundo a interpretação do autor é um fator de diferenciação social nas instituições. As religiosas conseguem enxergar em suas trajetórias conventuais fatos que contradizem os seus desejos pela partilha de uma vida em comunidade. Em alguns casos, as mais pobres não estudavam e tinham que lidar com trabalho material que exigiam mais esforço físico<sup>18</sup>. Nesse contexto, a inteligência é considerada pelas superiores como um mal, algo mundano. As religiosas mais pobres introjetam essa perspectiva imposta pelas superiores e vemos aí um exemplo do abuso de poder e conseqüentemente, de injustiças dentro das instituições. Outro exemplo de sofrimento experienciado por essas mulheres é perceberem dentre elas um saudosismo do fascismo<sup>19</sup>. Isso foi manifestado por uma participante da pesquisa que convivia com as coirmãs de mais idade na sua instituição. Essa visão de mundo era motivo do seu sofrimento. Além disso, também reclamam do processo que vivenciam chamado de desconstrução da pessoa para se encaixarem ao modo de vida conventual<sup>20</sup>.

Os costumes normatizados dentro dos institutos religiosos, por exemplo, o uso do hábito ainda é motivo de insatisfação das religiosas. Incômodos físicos e o calor que causam sofrimentos e desconfortos são muitas vezes introjetados como experiências

<sup>16</sup> CERNUZIO, 2023, p. 105.

<sup>17</sup> CERNUZIO, 2023, p. 108.

<sup>18</sup> CERNUZIO, 2023, p. 152.

<sup>19</sup> CERNUZIO, 2023, p. 167.

<sup>20</sup> CERNUZIO, 2023, p. 169.



que diferenciam as religiosas de outros grupos, uma diferenciação com atributo de valor, uma “santidade humanizada”<sup>21</sup>. Outro aspecto destacado em seu livro é a referência ao órgão do coração pelas religiosas e ex-religiosas pesquisadas. O coração é um lugar do corpo humano que simboliza um grande desejo, algo que clama e tem muita força. E, nesse contexto católico, viver uma vida religiosa quase sempre parte de uma vontade maior de doar-se a Deus e ao próximo, justificada pelo sentimento que vem do coração.

Ao final da obra, em “Elementos de avaliação”<sup>22</sup> o Prof. Tonino Cantelmi considera o individualismo como a busca pelo poder e o Prof. Giorgio Giovanelli problematiza o sentido autêntico da obediência, que nem sempre corresponde a sua íntima natureza na vida consagrada.

Salvatore Cernuzio buscou enfatizar os aspectos de sofrimentos psicológicos, físicos e da volta “ao mundo”<sup>23</sup>, quando elas abandonam a vida religiosa. Nesta obra, as religiosas clamam por ajuda, e leitores e pesquisadores poderão se deparar com as injustiças deste modelo de doação feminina de longa permanência na história da tradição católica.

## REFERÊNCIAS

ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750/1822*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993.

CERNUZIO, Salvatore. *O véu do silêncio: abusos, violências, frustrações na vida religiosa*. Petrópolis: Vozes, 2023.

ROSADO-NUNES, Maria José Fontelas. A “ideologia de gênero” na discussão do PNE: a intervenção da hierarquia católica. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p.1237-1260, jul./set. 2015.

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo. O Catolicismo e a igreja católica no Brasil à luz dos dados sobre religião no censo de 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 223-243, jul./dez. 2013.

**Recebido em:** 06 nov. 2024.

**Aceito em:** 11 nov. 2024.

<sup>21</sup> CERNUZIO, 2023, p. 93.

<sup>22</sup> CERNUZIO, 2023, p. 200-224.

<sup>23</sup> CERNUZIO, 2023, p. 174.